



ID: 39051939

11-12-2011

# Défice de 0,5% limita estímulos à economia

**Cimeira europeia.** Exigências de Bruxelas também dificultam futuras descidas de impostos

NUNO AGUIAR

A cimeira europeia terminada sexta-feira oficializou uma Europa mais germânica, impondo regras orçamentais mais exigentes, nomeadamente um limite de 0,5% para o défice estrutural, que terá de ser inscrito na Constituição (ou a um nível equivalente). Na prática, isto significa uma redução significativa da capacidade de o Estado estimular a economia, através de investimento público ou descidas de impostos.

“Esta regra fará com que Governo deixe de poder de estimular a economia nacional em larga escala”, explica Miguel Belez, antigo ministro das Finanças e ex-governador do Banco de Portugal. “Será muito difícil regressar a um Orçamento do Estado expansionista nos próximos tempos. E parece-me bem que assim seja.”

Uma opinião partilhada por Alberto de Castro, professor da Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica do Porto. “Passará a ser pura matemática. Se o Estado quer ter alguma margem de manobra para estimular a economia terá de cortar outras despesas com a mesma dimensão. O mesmo aplica-se a possíveis descidas de impostos. Embora seja ainda preciso saber que exceções poderão ser criadas.”

A diferença entre o défice nominal – que serve normalmente de referência para as instituições europeias – e o défice estrutural – que será utilizado nesta regra – está essencialmente na influência de aspectos de conjuntura. Ou seja, o défice estrutural não poderá contar com medidas temporárias, tentando expurgar o indicador da influência dos ciclo económicos, seja ela positiva ou negativa. Um ex-ministro das Finanças que não quis ser identificado também concorda que esta nova regra irá limitar a intervenção do Estado na



Sarkozy e Passos Coelho durante a cimeira que terminou com uma Europa mais germânica

economia e discorda da escolha do indicador. “Dois economistas com os mesmos conhecimentos e acesso aos mesmos números são capazes de calcular défices estruturais diferentes. Não é um indicador simples de calcular. Será necessário definir muito bem o que se quer dizer por défice estrutural.”

O comunicado com as conclusões da cimeira refere que o princípio de equilíbrio orçamental será cumprido se “o défice anual estrutural não ultrapassar 0,5% do PIB”, acrescentando que essa regra

terá de ser “introduzida nos sistemas legais dos Estados membros a nível constitucional ou equivalente”. O Documento de Estratégia Orçamental (DEO), apresentado pelo Governo no Verão, já de comprometia com este valor até 2015. Porém, agora ele terá de ser Lei.

“Estamos de pés e mãos atadas”, afirma Miguel Frasquilho, vice-presidente da banca parlamentar do PSD. “Não estou a ver como é que o Estado conseguirá apoiar a economia. Isso é para esquecer, tal como qualquer redução de impostos.”

O deputado social-democrata mostra-se, além disso, preocupado com a austeridade que será necessário aprovar, não em 2012, mas em 2013, ano em que Portugal tem de atingir um défice (neste caso nominal) de 3% do PIB.

“Tem-se discutido muito o Orçamento do Estado para 2012. E para 2013? Quando se olha para o que se pode cortar, voltamos sempre às mesmas rubricas: prestações sociais e despesas com pessoal. No investimento público já não há muito por onde cortar”, conclui Miguel Frasquilho.

## O QUE ELES DIZEM

“Esta regra fará com que Governo deixe de poder estimular a economia nacional em larga escala”

MIGUEL BELEZ  
EX-GOVERNADOR DO BANCO DE PORTUGAL

“Passará a ser pura matemática. Se o Estado quer estimular a economia terá de cortar outras despesas com a mesma dimensão”

ALBERTO DE CASTRO  
PROFESSOR DA UNIVERSIDADE CATÓLICA

“Não estou a ver como é que o Estado conseguirá apoiar a economia. Isso é para esquecer, tal como qualquer redução de impostos”

MIGUEL FRASQUILHO  
VICE-PRESIDENTE DA BANCADA DO PSD

“Quando se olha para o que se pode cortar, voltamos sempre às mesmas rubricas: prestações sociais e despesas com pessoal”

MIGUEL FRASQUILHO  
VICE-PRESIDENTE DA BANCADA DO PSD

## REVISTA DE IMPRENSA

### Jornais dizem adeus ao Reino Unido

Os títulos dos principais jornais europeus contam a história da cimeira europeia, concentrando-se essencialmente na ruptura entre o Reino Unido e o resto da União Europeia. E até na imprensa se notou a divisão: enquanto os jornais da Europa continental apontam o dedo aos britânicos, a imprensa inglesa mostra-se orgulhosa pelo veto de David Cameron ao novo Tratado Europeu.

### ‘LE MONDE’

Frância O jornal francês é taxativo: “A Europa a 27 acabou”. Pode até nem ser assim, mas agora há claramente duas velocidades na União Europeia.



### ‘BILD’

Alemanha O antetítulo do jornal alemão diz “Adeus Inglaterra”, assumindo um afastamento dos britânicos da construção europeia.



### ‘THE TIMES’

Reino Unido Os britânicos assumiram orgulho na decisão de Cameron. O Daily Mail, por exemplo, escreve: “O dia em que ele pôs o Reino Unido em primeiro lugar”.





## Défice de 0,5% limita estímulos do Estado à economia

**CIMEIRA** Novas regras de rigor orçamental exigidas por Bruxelas vão limitar apoios do Estado e dificultar descidas de impostos. **BOLSA** PÁG. 34